

## UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR ATRAVÉS DO GRAFFITI

HIGOR PEGLOW DE CARVALHO<sup>1</sup>; ANA PAULA GROSSER<sup>2</sup>; LUISE FRANTZ VERONEZ<sup>3</sup>; IVER CALÇADA FÔLHA<sup>4</sup>; RAFAEL TURCHI<sup>5</sup>; ANA INÊS KLEIN<sup>6</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas- [higorcarvalho541@gmail.com](mailto:higorcarvalho541@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - [anagrosser@hotmail.com](mailto:anagrosser@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas- [fvluiise@gmail.com](mailto:fvluiise@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas- [folhaivr@hotmail.com](mailto:folhaivr@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas- [turchi.rafael@gmail.com](mailto:turchi.rafael@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anaiklein@gmail.com](mailto:anaiklein@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A proposta de temática principal do trabalho foi sobre preconceito, sendo essa estruturada nos subtemas: gênero, raça, periferia e mídia. O tema foi definido de acordo com a realidade da comunidade a qual a escola esta inserida. O subtema abordado pelo grupo em questão é periferia, por se tratar de uma área que sofre muito descaso e prejulgamento resultante da marginalização que é ressaltada pelos veículos midiáticos. A escola Nossa senhora dos navegantes, está localizada em área periférica da comunidade de mesmo nome, na cidade de Pelotas - RS. O discurso do grupo é sempre visando desconstruir futuros pensamentos de que “zona periférica” é sinônimo de submundo e consequentemente ausência de potenciais das comunidades.

O graffiti é uma expressão gráfica tipicamente urbana, que possui características subversivas e que, muitas vezes, é confundido com as pichações. O grafite, entretanto, ao contrário das pichações, não se ocupa apenas com a crítica social, mas vai além dela e busca a conscientização coletiva, o que contribui com soluções práticas para os problemas sociais (COSTA, 1999). O graffiti é uma linguagem artística oriunda das periferias e grandes centros urbanos e que possui características subversivas por abordar em seu surgimento enquanto intervenção sobre o cenário urbano o aspecto da “surpresa” com uma peça de arte exposta na rua que surge de um dia pra outro. Por esse elemento transgressor agregado ao conceito desse movimento urbano que tomou as grandes cidades do mundo, acaba sendo confundido com a pichação, porém a diferença é que o graffiti busca usar o espaço urbano como suporte para intervenções que podem ser artísticas, políticas, reflexivas e que usam as cores para gerar esse pensamento aos cidadãos que pelas ruas transitam, e a pichação, ou píxo, é um movimento urbano transgressor exclusivamente brasileiro composto por pessoas de diversas idades que através da caligrafia enquanto elemento artístico base desse movimento, buscam manifestar através de escritas com tinta spray em diferentes suportes urbanos das ruas da cidade, marcas caligrafadas em que as temáticas variam desde seus próprios nomes ou nomes de seus grupos enquanto forma de reconhecimento dentro do próprio segmento em que encontram-se inseridos ou como forma de protesto ou reflexão poética.

A partir daí optamos por utilizar técnicas de graffiti para ressaltar as expressões artísticas presentes na comunidade. E por fim obter uma maior compreensão dos alunos do meio em que vivem além de fomentar a participação dos alunos e toda a comunidade por meio da inserção na oficina realizada.

A oficina teve como intenção proporcionar aos alunos o contato com a arte, abordando a questão do desenho livre, a coordenação motora e a criatividade. O graffiti enquanto tema da oficina é muito popular e encanta pessoas de todas as idades; e além de provocar reações diversas e o pensamento crítico e reflexivo a quem aprecia, tem o poder de mudança a pessoa que pratica, pois ela vai dominar uma linguagem que pode usar para se expressar em diversas ocasiões, e pode também usar esse talento como forma de custear sua própria vida, sem falar que a evolução enquanto ser humano é infinita, pois a arte provoca nos praticantes a busca do saber, a evolução de seu estilo autoral que basicamente é auto conhecimento, do pensamento criativo que desenvolve-se basicamente com práticas artísticas e que pode ser usado em qualquer segmento ou situação da vida.

### 2. METODOLOGIA

Segundo Oliveira (2001), identidade trata-se de uma construção cultural, isto é, caracterizada pelo conjunto de elementos culturais que o indivíduo adquire por meio de sua herança cultural. Sendo assim, esses indivíduos podem perceber a escola como um ambiente seu, um patrimônio pessoal e, por conseguinte, preservarem o espaço e incentivarem outros a fazerem essa preservação. A ordem de quatro horas foram suficientes para exercício de desenho e recorte de algumas molduras propostas. Conseguinte, ocorreu o contato com os sprays e logo executada a ação de pintar os painéis anteriormente preparados por nós organizadores. De forma sequencial, foram três momentos: Elaboração, exercício de treinamento e execução.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido ao curto prazo para preparação da atividade, o grupo de alunos não pôde amadurecer as ideias de otimização do tempo, técnicas e espaço disponibilizado. Vale ressaltar que nenhum dos integrantes havia ministrado oficina deste tipo antes, e não pensamos nos possíveis problemas. Não sabíamos quantas pessoas compareceriam ao evento, e o público era de faixa etária muito diversa. À medida em que foram chegando e se interessando, podiam optar por desenhar ou escolher uma das imagens disponíveis para o recorte do stencil. Essa parte foi um sucesso, conseguimos orientar satisfatoriamente os trabalhos e não houve nenhum incidente com o material, exceto por faltar inicialmente apontadores e borrachas, problema que foi rapidamente solucionado com alguns cedidos pela escola.

Demoramos bastante nesta parte, pois vários participantes tiveram que aguardar para conseguir lugar para sentar e trabalhar. Aguardávamos o grafiteiro profissional convidado, que não compareceu e nem se deu o trabalho de comunicar; não deu muito tempo para pensarmos o que fazer, pois contávamos que, encerrada a primeira etapa, orientaríamos a execução do stencil na parede e as técnicas de rolo, enquanto o grafiteiro profissional convidado faria a parte de mostrar as técnicas de spray. No avançado do horário e na falta do artista convidado, abortamos as técnicas de rolo devido a ânsia dos alunos para mexer nos sprays e a praticidade das latas. Com algum pouco de disputa pelos moldes, tudo ia bem, ficou bonito o resultado, porém os alunos começaram a ir com a tinta para o lado do muro onde estaria o grafiteiro profissional convidado e encheram o muro assinando seus nomes. Eles eram muitos e não conseguimos segurar, a situação ficou fora de controle por alguns minutos. Tentamos recolher de volta as latas, mas mal as colocávamos na caixa, e já tinha criança querendo mais; tentamos fazer com que eles contornassem e dessem brilho nos nomes, mas isso foi em vão diante da falta de uma discussão prévia séria e extremamente necessária.

A lista de material a seguir já foi complementada. O número de alunos dependerá do número de monitores disponíveis. O ideal é que cada monitor atenda no máximo 3 alunos, para que se consiga dar a orientação satisfatória e necessária. A respeito da adequação da faixa etária, fica a critério do monitor. Deve-se observar se o aluno está correspondendo à proposta. A oficina deve ser dividida em duas etapas, sugere-se que em um encontro contando com duas a três horas de duração sejam realizados os Módulos 1 e 2, e no outro, com mais duas a três horas, os Módulos 3 e 4.

### 4. CONCLUSÕES

O graffiti vem sendo utilizado para tentar amenizar as problemáticas escolares visto a aproximação das mesmas com a realidade do aluno, tornando-o parte do espaço escolar. Mediante seus signos visuais, expressam os anseios, a opinião e a percepção da realidade de quem vive nas periferias das cidades. Os graffitis podem despertar um olhar voltado para o contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade, o que destaca seu potencial didático e expressivo, considerada sua aplicação como tema transversal em distintas áreas do conhecimento humano.

Observamos que os jovens identificam o graffiti, conjuntamente aos outros elementos do hip hop, como uma forma de seu grupo expressar seus pensamentos e visão de mundo aliados às questões educacionais e à realidade de sua escola.

De acordo com Paulo Freire (1979) a bagagem de conhecimentos de mundo que os estudantes carregam é essencial e indispensável para a sua própria formação, não podendo ser

desconsiderada a percepção deles quanto ao espaço escolar e a presença dos grafittis nos muros de sua escola, pois estas leituras de mundo podem contribuir para o trabalho pedagógico dos docentes, que podem encaminhar discussões através do potencial reflexivo do graffiti, os alunos podem despertar interesse pela escola. Por meio da arte, vimos a oportunidade de buscar a expressão dos membros da comunidade escolar. Bem como a libertação que todo o trabalho realizado pode proporcionar para os participantes e para nós organizadores.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Leonardo Araújo da. O produto gráfico da mídia muro na cidade do Recife. Monografia apresentada à Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Programação Visual, 1999.

OLIVEIRA, Eliana. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. Revista Espaço Acadêmico – Ano 1 – N0 07 – Dezembro de 2001 – Mensal – ISSN 1519.6186.